

A FOTOGRAFIA QUE TORNA VISÍVEIS AQUELES QUE NÃO VEMOS FREQUENTEMENTE

THE PHOTOGRAPHY THAT MAKES VISIBLE THOSE WE DON'T OFTEN SEE

Fábio d'Abadia de Sousa¹
Francisco Baptista Gil²

RESUMO: Um dos aspectos mais importantes da vida nas redes sociais é o facto de que o padrão ditatorial de beleza imposto pelos grandes meios de comunicação passou a ser atacado. E, isso vem sendo feito com uma das armas mais poderosas: a fotografia. Pessoas, principalmente mulheres, que passaram a vida condenadas a uma total invisibilidade pelos *media* do senso comum, agora se mostram lindas e poderosas nas redes sociais para milhares e milhares de seguidores. É sobre este assunto que tratamos neste texto.

Palavras-chave: Invisibilidade. Meios de comunicação de massa. Mídia. Empoderamento.

ABSTRACT: One of the most important aspects of the life in the social media is the fact that the dictatorial beauty standard, forced by the mainstream media, is being attacked. And the attack is being made with one of the most powerful weapons: photography. People, specially women, who have spent a whole life condemned to a total invisibility by the mainstream media, now show themselves gorgeous and empowered in the social networks to thousands and thousands of followers.

527

Keywords: Invisibility. Mainstream media. Empowerment.

INTRODUÇÃO

Os padrões de beleza ditados pelos grandes media (cinema, televisão, publicidade e, é claro, a fotografia) ainda prevalecem nas redes sociais. Mas uma pequena revolução começa a acontecer: pessoas totalmente fora dos figurinos ditatoriais das capas de revistas perdem o medo de se mostrarem como realmente são. Os porões da ditadura da beleza – que sempre se esforçaram enormemente por ignorar pessoas negras, gordas, homossexuais, transexuais, barrigudas, baixas e velhas – começam a ruir.

¹Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins, Brasil. Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás, Brasil (2009). Tem experiência na área de Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: fotojornalismo, imagem, fotografia e literatura.

²Professor Adjunto da Universidade do Algarve, Portugal. Doutorado em Educação Artística, Artes Visuais pela Universidade de Sevilha, Espanha (2006). Tem experiência na área da Comunicação Visual.

Pessoas pertencentes às minorias sociais, que geralmente passaram a infância sofrendo agressões físicas e verbais nos corredores, pátios e salas de aula das escolas do ensino fundamental, médio e superior, não aceitam mais serem vítimas de um tipo de *bullying* que parece ser mais cruel ainda que aquele praticado no colégio: o *bullying* da invisibilidade. Neste sentido, a fotografia cumpre um papel social fundamental: que é tornar visíveis aqueles que quase sempre foram carimbados como invisíveis.

“Estamos aqui e os nossos corpos são belos e merecem, sim, serem respeitados e mostrados como realmente são”. Este é o recado de uma jovem modelo *plus size* numa rede social e que resume o que milhares de pessoas em todo o mundo vem dando aos ditadores da beleza. Corpos que por décadas foram obrigados a se esconderem, agora se mostram, escandalosamente, lindos e sensuais nas páginas do *Instagram* e do *Facebook*. Para cada preconceito, uma foto com pose de empoderamento e enfrentamento aos fiscais da cortina de ferro do reino da estética dos “corpos perfeitos”. A luta pelo simples direito de se mostrar da forma que é ganha adeptos a cada dia, principalmente mulheres, as maiores vítimas confinadas nos campos de concentração reservado aos que destoavam das imagens apresentadas em capas de revista.

Chamamos de revolucionária esta postura de enfrentamento ao regime totalitário da estética humana porque ela combate diariamente uma das mais cruéis formas de segregação que, por décadas, vem humilhando e destruindo a autoestima de pessoas em todo o mundo ocidental. Não se aceita mais a divisão da humanidade entre os “belos” e os “feios”, categorias carregadas de subjetivismo e imprecisão e que sempre exaltou uma ínfima minoria em detrimento de uma maioria esmagadora. Agora vale o seguinte: para cada olhar com cara de nojo, (ao estilo da personagem Miranda, vivida maravilhosamente pela atriz Meryl Streep no filme *The Devil Wears Prada – O diabo veste Prada*) mostra-se uma gordurinha, um cabelo sem alisamento, uma ruga, uma pela negra ou uma pessoa baixa.

Aliás, as fotografias e revistas de moda, como é mostrado no filme *O diabo veste Prada*, têm enorme responsabilidade na criação e manutenção do padrão ditatorial de beleza que ainda vigora, mas cujas muralhas começam a ruir. Não é possível mais admitir conceitos “oficiais” tão danosos e nefastos. Assim como as pessoas passaram a processar e exigir indenizações milionárias da indústria do tabaco, é preciso posturas semelhantes em relação a estas revistas que, apesar de decadentes (já que versões impressas diminuem a cada dia), ainda influenciam toda uma multidão de mulheres, que sofrem danos psicológicos

gravíssimos por não terem os “corpos perfeitos” cuidadosamente esculpido por programas de edição de imagem como o *Photoshop*.

É comovente o depoimento da *instagramer* (nome cunhado para se referir às pessoas com forte presença e influência no *Instagram*, uma das redes sociais mais utilizadas na contemporaneidade) Juliana Rangel, em relação ao quanto a rede social contribuiu para a elevação da sua autoestima:

Me fizeram acreditar que meu corpo não era aceitável e que eu era menos e merecia menos por ser gorda. Me fizeram acreditar que eu tinha um rosto lindo e que era um “desperdício” meu corpo não ser como ele. Me fizeram acreditar que eu não teria o amor de ninguém como uma mulher gorda. Me fizeram acreditar que eu precisava mudar e que eu só seria feliz magra. Me fizeram acreditar que eu precisava mudar e que eu só seria feliz se fosse magra. Me fizeram acreditar que certas roupas não eram para mim, que certos lugares não eram para mim, que eu não seria bem-sucedida por ser uma mulher gorda. Me fizeram acreditar que minha vida só começaria depois que eu emagrecesse. Eu acreditei nisso durante anos, me maltratando, me odiando, repetindo tudo que eles diziam para mim mesma como certo. E eles estavam errados.

Eu não sou menos, eu sou digna, eu posso usar (a vestimenta) o que eu quiser, eu posso ir para onde eu quiser, eu tenho um corpo tão lindo quanto o meu rosto, eu tenho muito, mas muito (mesmo), amor (próprio). Eu tenho orgulho de ter enfrentado o que achava que era certo sobre mim e que estava me paralisando a vida. Preconceito nenhum mais vai me parar, porque agora eu sou livre, sou livre dos preconceitos deles e dos meus. E uma vez que você sente o gosto da liberdade de poder ser quem você é, e (passa) a gostar disso, não tem mais volta. Se liberte também (EUJURANGEL, 2019).

Este depoimento é importante porque reforça o nosso pensamento de que a fotografia é um instrumento poderoso de concessão de visibilidade para aqueles que vivem na invisibilidade. Ao mostrar o seu corpo para o mundo e assumi-lo como ele é, a usuária do *Instagram* expressa um contentamento e uma satisfação que a pressão social impedia que ela tivesse. O terrível deste padrão de beleza estabelecido é que ele transforma a vítima em seu principal algoz, pois a própria pessoa começa a desmerecer e a menosprezar o corpo que possui. “Preconceito nenhum mais vai me parar, porque eu sou livre, sou livre do preconceito deles e dos meus”, anuncia a *instagramer*.

Esta liberdade experimentada por Juliana talvez não fosse possível antes das redes sociais, pois, até então, a forma de se mostrar era restrita às pessoas que tinham acesso aos grandes *media*, que sempre foi rigorosamente seletiva. E este comportamento excludente dos *media mainstream* – que é ainda incrivelmente pretensioso, por achar-se no direito de dizer quem é bonito ou não, – colocou na invisibilidade todos aqueles que não se encaixam no seu meticuloso padrão de beleza excludente. A partir do surgimento das redes sociais, pessoas de todos os tipos passaram a se mostrar por meio de fotografias. E, apesar dos *haters* (os implacáveis linchadores virtuais), o que ocorreu foi uma grande acolhida dessas pessoas. O

que tem aumentado a cada dia a presença de fotografias de pessoas completamente fora daquilo que se convencionou como padrão ideal de beleza.

Sabe o motivo de a gente mostrar o corpo na internet? Porque ninguém mais mostra. Porque não estamos em destaque na TV ou nas revistas. Porque não somos pautas, não somos cotadas como protagonistas, porque estão acostumados e nos colocar em papéis caricatos que só reforçam um esteriótipo mais do que ultrapassado, errado e preconceituoso. Se não somos representadas, como é que vamos achar que o que somos é bonito, bom e desejável se só vimos um tipo de mulher (branca, magra, alta e hétero) sendo representada como bem sucedida? É claro que você vai fazer de tudo pra tentar ser como esse mulher, porque foi isso que te disseram. E é por isso que estamos aqui. Pra contestar. Pra mostrar que existe outro caminho além desse de tentar ser alguém diferente de você. Somos milhares de mulheres, somos diferentes e essa é a beleza nisso. E se elas não fazem, a gente faz. Se eles não falam a gente fala. Se eles estão preocupados em fazer você odiar quem você é pra vender dieta, cinta e cirurgia e lucrar com o seu dinheiro, nós fazemos o contrário. Porque aqui a gente não deita para o padrão. Aqui a gente se basta e se admira exatamente como é, e a meta é fazer com que VOCÊ faça isso por você mesma! Você é suficiente, você é capaz e cabe a você enxergar isso! Seguimos juntas! (EUJURANGEL, 2019.)

Um alerta impressionante neste depoimento de Juliana é sobre a existência de toda uma indústria do emagrecimento a lucrar em cima das pessoas acima do peso considerado normal. “Porque aqui a gente não deita para o padrão”, ressalta. Neste sentido, as redes sociais, passaram a desempenhar importante papel na elevação da autoestima de pessoas que até pouco tempo eram tacitamente proibidas de mostrarem os seus corpos. Hoje, só não se exhibe nas redes sociais quem realmente não quer. E, devagarinho, as muralhas da ditadura da beleza começam a ruir. Nota-se uma grande rede de apoio àqueles que, mesmo fora dos padrões, decidem publicar suas fotos nas redes sociais, principalmente no *Instagram*. A quantidade de aplausos e incentivos dados ao que se destoam das imagens das capas de revista é também um grande recado à grande mídia segregadora. “Ei, estamos aqui, também somos cidadãos e consumidores e não aceitamos mais desempenhar papéis de pessoas invisíveis em suas programações”, anunciam aqueles que foram sempre desprezados pela grande mídia. Será que é preciso

A partir do surgimento dos *smartphones* conectados à internet, surgiu também uma maneira inédita de se utilizar a imagem fotográfica. Com as redes sociais e o nosso álbum armazenado na nuvem, a fotografia transforma-se num elemento de interação social. Se antes fotografávamos principalmente em ocasiões especiais de nossas famílias (nascimento, casamento, formatura, viagens, etc.), agora fotografamos qualquer assunto a qualquer momento. Fotografamos e publicamos na rede.

O que antes era comunitário hoje parece que está a cada dia mais individualizado e um pouco mais narcisista. Os amigos parecem que estão sendo substituídos pelos seguidores,

e quanto mais melhor! Assim como as celebridades, nós, mortais comuns, agora também podemos romper a barreira do anonimato. Seriam os 15 minutos de fama que todo mundo teria direito, conforme previu Andy Warhol nos anos 70? Mas temos um preço a pagar para manter a constante aprovação dos nossos seguidores no mundo virtual. Talvez para não desagradar a nossa imensa plateia apresentamos uma vida, às vezes, bastante diferente daquela que vivemos. Mas será que não temos esse direito? Não é infração a nenhuma lei de nenhum país, até o momento, alguém viver uma vida mais fantasiosa. Somos obrigados a suportar a realidade rotineira que nos cerca sem nenhuma válvula de escape? O intercâmbio de fotografias nas redes sociais poderia ser uma dessas formas de vivermos mais ficcionalmente? Talvez, sim.

As fotografias, segundo Santaella e Nöth (2001, p.128), “não são meros espelhos mudos e inocentes daquilo que flagram, nem são habitantes de um reino paralelo à realidade”. Desde os seus primórdios, a fotografia, conforme explica Salkeld (2014, p. 68), tem funcionado como evidência, como um documento de comprovação da verdade. No entanto, as fotografias, conforme enfatiza este autor, “também têm sido usadas para criar ficção, iludir e mentir”. Isso ocorre, segundo acrescenta Salkeld, porque a fotografia, assim como o texto, pode apresentar uma retórica, ou seja, ser trabalhada artisticamente, assim como a linguagem oral e escrita, a fim de se tornar mais eficaz conforme o objetivo que se quer comunicar.

Bauman (2002, p. 14) adverte que seria imprudente negar ou menosprezar as mudanças profundas que aquilo que ele chama de “modernidade líquida” impõe à condição humana. Para este autor, valores e conceitos antigos e novos se manifestam ao mesmo tempo o que cria insegurança.

Como zombis, esos conceptos están hoy vivos y muertos al mismo tiempo. La pregunta es si su resurrección – aun en una nueva forma o encarnación – es factible; o, si no lo es, cómo disponer para ellos un funeral y una sepultura decentes. (Como zumbis, estes conceitos estão vivos e mortos ao mesmo tempo. A pergunta é se a sua ressurreição – seja numa nova forma ou encarnação – é factível; ou se não é, como oferecer a eles um funeral e uma sepultura decentes (BAUMAN, 2002, p.14). (Tradução nossa.)

Dubois (1993) explica que a imagem fotográfica tem sido entendida ao longo dos anos de três maneiras diferentes. Na primeira abordagem, chamada de discurso da mimese, a imagem fotográfica seria um espelho do real. Na segunda, a fotografia é tida como uma transformação do real (discurso do código e da desconstrução), pois “tentou-se demonstrar que a imagem fotográfica não é um espelho neutro, mas um instrumento de transposição,

de análise, de interpretação e até de transformação do real, como a língua, por exemplo, e assim, também, culturalmente codificada” (DUBOIS, 1993, p. 26). Já na terceira abordagem, conhecida como discurso do índice e da referência, considera-se que persiste na imagem fotográfica “um sentimento de realidade incontornável do qual não conseguimos nos livrar apesar da consciência de todos os códigos que estão e que se combinaram para a sua elaboração”.

Na visão de Barthes (2004), não é, porém, pela pintura que a fotografia tem a ver com a arte, mas pelo teatro. No caso específico do retrato, por exemplo, Barthes nos chama mais a atenção para o seu aspecto teatral e cheio de contradições:

Quatro imaginários aí se cruzam, aí se afrontam, aí se deformam. Diante da objetiva sou ao mesmo tempo: aquele que eu me julgo, aquela que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga e aquele de que ele se serve para exibir sua arte. Em outras palavras, ato curioso: não paro de me imitar, e é por isso que, cada vez que me faço (que me deixo) fotografar, sou infalivelmente tocado por uma sensação de inautenticidade, às vezes de impostura (como certos pesadelos proporcionar). (BARTHES, 1980, p.27).

O que Barthes faz questão de ressaltar é para o aspecto da objetificação das pessoas a partir do momento em que são fotografadas.

Imaginariamente, a fotografia (aquela que tenho intenção) representa esse momento muito sutil em que, para dizer a verdade, não sou nem um sujeito nem um objeto, mas antes um sujeito que se sente tornar-se objeto: vivo então uma microexperiência da morte (do parêntese): torno-me verdadeiramente espectro. O fotógrafo sabe muito bem disso, e ele mesmo tem medo (ainda que por razões comerciais) dessa morte em que seu gesto irá embalsamar-se (BARTHES, 1980, p. 27 e 28).

Além da essência teatral da fotografia, um outro aspecto que consideramos importante na criação do carácter ficcional da fotografia está no facto de que a pessoa fotografada não tem nenhum controle sobre as inúmeras leituras que podem surgir de uma foto para a qual acaba de tirar. A este respeito, Barthes faz intrigante observação:

[...] pois não sei o que a sociedade faz de minha foto, o que ela lê nela (de qualquer modo, há tantas leituras de uma mesma face); mas quando me descubro no produto dessa operação, o que vejo é que me tornei Todo imagem, isto é a Morte em pessoa; os outros – o outro – desapropriam-me de mim mesmo, fazem de mim, com ferocidade, um objeto, mantêm-me à mercê, à disposição, arrumado em um fichário, preparado para todas as trucagens subtis... (BARTHES, p. 28 e 29)

Esta idéia de que a fotografia rouba algo muito importante do fotografado, às vezes até a própria vida, não é tão incomum. Independentemente deste aspecto fúnebre da fotografia, ela é, sim, um instrumento de poder (para aqueles que se encaixam nos padrões de beleza) e um instrumento de opressão com aqueles que não se encaixam. Vejamos, pois o depoimento, no *Instagram*, de uma pessoa que não se encaixa nestes padrões de beleza:

Por que permitimos que a palavra ‘gorda’ seja praticamente um palavrão, um insulto? Precisamos combater o preconceito, defendendo quem somos ou queremos ser. Sou gorda e não desrespeito ninguém. Por que preciso explicar que minha saúde está bem? Por que preciso justificar coisas que nenhuma modelo magra precisa? Ninguém pergunta a elas sobre consumo de drogas para emagrecimento. Quantas vezes trabalhei com mulheres que desmaiavam de fome? Que usavam remédios loucos para manter o apetite sufocado? Que sequer tomavam água, para evitar o inchaço? (EUJURANGEL, 2019).

É muito dramático o quanto a pressão pelo emagrecimento faz infeliz toda uma multidão de pessoas, principalmente mulheres. Possuir um corpo diferente daquele que é mostrado na capa das revistas é mais do que motivo de angústia: as pessoas se violentam, agredem a si e aos outros e, às vezes, se matam. Tudo para se encaixar num padrão que nem mesmo as modelos que ostentam corpos excessivamente magros se adequam. Felizmente, as redes sociais também têm sido instrumentos de libertação para muitas mulheres:

Quantas vezes você já refez suas fotos porque o ângulo “não te favoreceu?” A gente aprende a vida toda que o ângulo que favorece é aquele que faz você parecer mais magra, mas alta, mais fina, mais esguia...O que te favorece, então, é aquilo que te transforma em algo que você não é? Eu acho que o que faz você parecer o que não é, realmente, não te favorece de forma alguma. Por que a gente tem de ser diferente para ser bonita? Se a foto de lado mostra a bunda grande e a barriga, por que não me favorece? E fico pensando: por que a gente faz isso com o nosso corpo? Por que questionamos sua beleza e suas formas? Por que tentamos mudá-las? Para quem fazemos isso? Por que deixamos que a ideia de ser mais bonita para os outros seja mais importante que ser bonita para nós mesmos?

Eu sempre penso muito sobre isso, tentando desconstruir a ideia de que existe um ângulo melhor ou pior, sendo que todos os ângulos refletem o mesmo corpo, um corpo que existe e que resiste na realidade fora das telas. De fato, é algo para refletir... Faz sentido para vocês? (JURANGEL, 2019).

É claro que faz sentido. Se analisarmos bem, veremos que por detrás de toda essa (o)pressão por um corpo perfeito está a tentativa de se sair bem numa fotografia. Então, aquela crença de que a fotografia “rouba a alma” não é absurda. Não vai aparecer em nenhuma estatística o número de quantas pessoas se matam (direta ou indiretamente) por não se adequarem aos padrões de beleza das capas de revistas, mas pode-se inferir que ele seja alto, pois quase todos nós estamos cercados por pessoas que sofrem, e muito, por não possuírem corpos parecidos com aqueles considerados ideais pelos grandes *media*.

Bem antes da popularização dos *smartphones* conectados à internet, Freund (1995, p. 19) já nos chamava a atenção para a importância que a fotografia adquiria na sociedade. “Na vida contemporânea a fotografia desempenha um papel capital. Quase não existe uma atividade humana que não a empregue, de uma maneira ou de outra. Tornou-se indispensável para a ciência e para a indústria“. Esta autora ressaltava que a fotografia tinha tornado-se tão presente na vida social que, de tanto convivermos com a ela já nem a notávamos:

De agora em diante a fotografia faz parte da vida quotidiana. Incorporou-se de tal modo na vida social que, à força de vê-la, não mais a vemos. Um dos seus traços mais característicos é ser igualmente recebida em todos os estratos sociais. Tanto se a encontra no alojamento do operário e do artesão com em casa do comerciante, do funcionário e do industrial. É nisso que reside a sua grande importância política. Ela é o meio de expressão típico de uma sociedade determinada, assente numa civilização tecnológica e fundada na hierarquia das profissões. Ao mesmo tempo ela tornou-se para essa sociedade num instrumento de primeira ordem. O seu poder de reproduzir exatamente a realidade exterior – poder inerente à sua técnica – empresta-lhe um caráter documental e fá-la aparecer como o processo de reprodução mais fiel, o mais imparcial, da vida social (FREUND, 1995, p. 20).

Uma das características mais importantes da fotografia é a falsa impressão que ela passa de ser um instrumento que retrata a realidade de maneira fiel e objetiva. Neste sentido, Gisele destaca que a objetividade da fotografia é apenas fictícia:

A objetiva, esse olho pretensamente imparcial, permite todas as deformações possíveis da realidade, já que o caráter da imagem é determinado, a cada vez, pelo modo de ver do operador e pelas exigências dos seus mandantes. A importância da fotografia não reside, portanto, apenas no fato de ela ser uma criação, mas sobretudo no fato de ela ser um dos meios mais eficazes de conformar as nossas ideias e de influenciar o nosso comportamento (FREUND, 1995, p. 20).

Conforme explicações de Sontag (2004, p. 19), um dos paradoxos da fotografia está no facto de que ela, ao mesmo tempo em que ela é uma forma de comprovar alguma experiência, é também um meio de a negar, ao limitá-la a uma procura do fotogénico, ao convertê-la numa imagem, numa recordação. “A viagem torna-se uma estratégia para acumular fotografia. O próprio ato de fotografar é tranquilizante e atenua a sensação de desorientação que as viagens provavelmente exarcebam”.

Será que este pensamento de Sontag em relação ao uso da fotografia pelos turistas se aplicaria também aos internautas usuários das redes sociais? Afinal, a experiência de “navegar” não deixa de ser, também, uma “viagem”. E o uso da fotografia nas redes sociais, quase sempre uma procura pelo fotogénico, é também, quase sempre, a tentativa de comprovar alguma coisa. Mas, em vez de tentar atenuar a sensação de desorientação, parece que, nas redes, o que se procura aliviar é a sensação de solidão.

Mas o que, afinal, possuem as redes sociais que tanto nos fascina? A resposta completa para esta pergunta ainda está sendo construída por estudiosos das mais diversas áreas. Mas alguns aspectos já podem ser apontados. Ao permitirem contactos imediatos com os mais variados tipos de pessoas nos mais diversos pontos do mundo, no primeiro momento, as redes sociais passam-nos a impressão de um congregamento e de um sentimento de pertença até então nunca experimentado pela maioria de nós. O que muitos questionam é se esta quase infinita possibilidade de contactos nos torna menos ou mais solitários.

Um dos aspectos mais intrigantes das redes sociais é como a forma de interação entre os participantes está estruturada, através dos “likes”, o que no português do Brasil foi traduzido por “curtidas” e no português europeu “gostos”. Se algum dos seguidores gosta de uma das suas publicações, então, ele aperta um ícone – que pode ser, por exemplo, um pequeno coração ou um pequeno polegar apontado para cima – e informa que gostou da sua publicação. Quanto maior o número de aprovações, mais a sua publicação foi bem recebida. Esta forma de interação, aparentemente inocente, esconde em si também o facto de que aqueles que postam alguma fotografia ou mensagem também terão que lidar com os “deslikes” dos receptores da sua mensagem, o que é manifestado principalmente pela falta de “likes”. O tenso jogo da aceitação\rejeição pelo outro ocorre a cada nova publicação.

Apesar da virtualidade da situação, a aprovação ou reprovação pelos seguidores causa sentimentos muito reais de júbilo ou de frustração. E, para conquistar a simpatia alheia, há casos de pessoas que apelam para situações perigosas, apenas para postar uma foto chamativa e conseguir um grande número de “curtidas”. A imprensa está quase sempre a informar situações absurdas às quais algumas pessoas se submetem apenas para conquistar “likes” na internet. A imprensa inglesa recentemente informou que tem crescido o número de pessoas que compram roupas novas, elegantes, apenas para fazer fotos que impressionam os seus seguidores nas redes sociais. Depois a roupa é devolvida.

Há casos de pessoas que alugam jatos executivos caríssimos para que possam fazer fotos no interior da aeronave. O avião não sai do chão, mas o número de “curtidas” chega às nuvens. Há casos relativamente comuns de pessoas que se hospedam em hotéis caríssimos, por um único dia, apenas para que possam se exhibir nas instalações luxuosas do local.

As redes sociais podem transformar, do dia para noite, pessoas comuns e anónimas em celebridades. Se alguém tem alguma dúvida em relação ao cumprimento da profecia de Andy Warhol, feita nos anos 70, de que no futuro todos seriam famosos, não é preciso ter mais. Mesmo aqueles que não se tornam celebridades, com milhares de seguidores, também podem, no mínimo, experimentar a sensação de sair do anonimato e conquistar algumas dezenas ou centenas de pessoas de todas as partes do mundo, que passarão a acompanhar a sua vida quase que diariamente, desde que se mantenha uma atualização de sua conta com a publicação de fotos inéditas.

Não é tão difícil atrair seguidores nas redes, até porque elas são, meticulosamente, estruturadas para que cada um encontre aqueles com os quais tem mais afinidades e que defendem valores morais e ideologias políticas semelhantes. O assustador é quando pessoas

que partilham de determinadas crenças se juntam para atacar verbalmente aqueles que possuem um modo antagónico de ver a vida. Então, as agressões se multiplicam de ambos os lados e o ódio prevalece e o linchamento virtual do outro ocorre, aparentemente, sem nenhuma misericórdia.

Talvez por apresentar uma forma de convivência ainda relativamente nova, ainda não conseguimos desenvolver uma etiqueta para um uso mais civilizado e menos agressivo das redes sociais. Os ataques gratuitos contra os filhos das celebridades deixaram a opinião pública chocada com tanta crueldade e falta de solidariedade. Os “haters” (odiadores), pessoas que praticam ofensas na internet, são um problema que fazem com que muitas pessoas evitem o uso de redes sociais como *Instagram* e *Facebook*. Felizmente, a Justiça tem conseguido, nos casos mais graves, localizar, processar e julgar os caluniadores, difamadores e injuriadores que achavam que internet era uma terra de ninguém em que a prática de crimes ficaria impune.

É inegável que a fotografia parece ter se tornado um dos principais instrumentos de expressão das pessoas na sociedade contemporânea. Ela tornou-se uma forma participação e intervenção em numa sociedade que a cada dia mais nos isola. Neste sentido, ainda é fortemente atual o pensamento de Freund de que a fotografia fornece aos cidadãos a sensação de pertencimento.

A imagem responde à necessidade cada vez mais urgente, por parte do homem, de dar uma expressão à sua individualidade. Hoje, e apesar dos aperfeiçoamentos incessantemente crescentes da vida material, o homem sente-se cada vez menos implicado no jogo de acontecimentos, relegado para um papel cada vez mais passivo. Fazer fotos parece-lhe uma exteriorização dos seus sentimentos, uma espécie de criação. Daí o número crescente de fotógrafos amadores, que se situa hoje nas centenas de milhões e que tende a crescer cada vez mais. (FREUND, 1995, p. 20).

A fotografia é dotada de uma força de persuasão que aqueles que dela se servem como meio de manipulação exploram conscientemente, conforme acrescenta Freund:

No seu livro *Confissões de Um Publicitário*, David Ogivy, um dos mais conhecidos representantes da publicidade americana, recomenda aos seus confrades que, a fim de venderem os seus produtos, se sirvam da fotografia antes de tudo o mais, pois “ela representa a realidade, enquanto um desenho é menos credível”. Centenas de milhões de amadores, ao mesmo tempo consumidores e produtores da imagem, que viram a realidade enquanto pressionavam o botão e que a reencontram nas suas imagens, não duvidam da veracidade da fotografia. Para eles, uma imagem fotográfica é uma prova irrefutável (FREUD, 1995, p.201).

As observações de Freund foram feitas nos anos 70, muitos antes, então, da propagação generalizada da internet e dos *smartphones* conectados às redes sociais. Provavelmente, hoje, somos milhões de pessoas a trocarmos fotografias umas com as outras.

Então, se a fotografia já tinha, há 40 anos, um poder muito grande, hoje ele é bem mais avassalador. Somos uma sociedade que vive fotograficamente. Vidas vêm sendo destruídas há décadas pelos preconceitos e exclusões propagados nas imagens divulgadas nos grandes mídia. Será que não podemos mudar isso nas redes sociais?

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidad Líquida*. Trad. Marta Rosenberg. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2002.

FRANKEL, David. *O diabo veste prada* (filme). Fox 2000 Pictures. 2006.

FREUND, Gisele. *Fotografia e sociedade*. Trad. Pedro Miguel Frade. 2ª.ed. Vega, 1995.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas (SP). Papirus, 1993.

EUJURANGEL. Instagram.com. 2019. Disponível em: [HTTP://instagram.com/p/Bto25-7jztU/?utm_source=ig_share_sheet&igshid=9a9by7zj432e](http://instagram.com/p/Bto25-7jztU/?utm_source=ig_share_sheet&igshid=9a9by7zj432e). Acesso em: 8-02-2019.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. *Imagem – Cognição, semiótica, mídia*. 3ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2001.

537

SALKELD, Richard. *Como ler uma fotografia*. Trad. Denis Fracalossi. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, Fábio d'Abadia de.; GIL, Francisco. Demitimos o Fotógrafo? Uma Discussão a Propósito do Advento dos Smartphones e das Selfies. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, [S. l.], v. 8, n. 11, p. 15-24, 2022. <https://doi.org/10.51891/rease.v8i11.7538>